



## “A CORAJOSA MULHER”: Representações femininas de poder na Inglaterra Anglo-Saxônica\*

*Elton O. S. Medeiros\*\**

**RESUMO:** Nas fontes literárias do período da Inglaterra anglo-saxônica, assim como em outras sociedades europeias da época, é comum a presença de personagens masculinas (ficcionalis ou históricas) desempenhando papéis heroicos, sendo figuras centrais de tais narrativas. Contudo, em tal documentação temos personagens femininas na posição de líderes militares frente à grandes adversidades, algo singular na documentação existente. Esse artigo visa abordar a relação entre tais personagens femininas na literatura anglo-saxônica e sua importância para os estudos na área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inglaterra anglo-saxônica; Æthelflæd; Judite, Inglês Antigo.

### “THE BRAVE LADY”: REPRESENTATIONS OF FEMININE POWER IN ANGLO-SAXON ENGLAND.

**ABSTRACT:** In the literary sources from the times of Anglo-Saxon England, as it happens in other European societies from the same age, it is usual the presence of male characters (fictional or historical) playing heroic roles as central figures in those narratives. However, within these same sources there are feminine characters behaving as military leaders facing great peril, something unusual in the sources of the period. The aim of this article is to show the relationship between these feminine characters of the Anglo-Saxon literature and their importance for further analysis in this field of studies.

**KEYWORDS:** Anglo-Saxon England; Æthelflæd; Judite; Old English.

\* \* \*

---

\* Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada durante o evento *Gender and Medieval Studies Conference 2014* realizado na Universidade de Winchester, Inglaterra, durante o mês de janeiro de 2014. Agradeço profundamente a Elena Woodacre e Katherine Weikert pela leitura, críticas e sugestões da versão prévia desse texto. Quando não explicitado, todas as traduções do inglês antigo para o português são de nossa autoria.

\*\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, professor de História Medieval da Faculdade Sumaré (SP), membro da *International Society of Anglo-Saxonists – ISAS* e *BRATHAIR – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*; e-mail: eosmedeiros@hotmail.com

## Introdução

A importância de elementos como fama, riqueza, prosperidade, honra, lealdade e coragem, vinculados a personagens masculinos emblemáticos, se manifesta de forma muito evidente nas fontes escritas de todo o período da Inglaterra anglo-saxônica (c. 500 – 1066). Orgulhosas figuras masculinas, projeções ou construtos de um ideal de sociedade, são comumente interpretados como um elemento chave do mundo anglo-saxônico medieval. Entretanto, entre as personagens de tais narrativas – a respeito dos feitos de corajosos guerreiros e homens santos destemidos encarando inimigos ferozes, monstros e mesmo o próprio Demônio – existe um número significativo de personagens femininas.

De maneira geral, figuras femininas nesse contexto anglo-saxônico são representadas por personagens devotas, leais, passivas e submissas. Apesar disso, é possível encontrarmos personagens femininas que se adéquam confortavelmente a um papel mais aguerrido: na literatura em inglês antigo, com Judite, no poema homônimo, confrontando o exército assírio e, na realidade política da Inglaterra do século X, Æthelflæd, a “Senhora dos Mércios”, filha de Alfred o Grande, com sua liderança contra os invasores vikings.

Diferentemente de outras personagens femininas, elas são caracterizadas como figuras de suma importância à frente de seu povo em momentos de grande perigo. Sendo assim, os propósitos deste artigo são destacar algumas similaridades entre essas duas figuras femininas da Inglaterra anglo-saxônica e uma possível ligação entre elas. Algo que poderia ir além do estudo de gênero propriamente dito e adentrar no campo da investigação sobre a elaboração de textos detentores de valores ideológicos, ou melhor, “propagandístico” dentro de tal sociedade.

## Heroísmo textual

A respeito das fontes textuais da Alta Idade Média inglesa, uma parte muito importante da literatura vernácula anglo-saxônica foi escrita em verso. Inicialmente voltadas a apresentações públicas, podemos dizer que a poesia anglo-saxônica representava não exatamente a voz ou os anseios de um único indivíduo, mas os valores de sua sociedade – ainda que, infelizmente, não se possa falar da

existência de nenhuma mulher poetisa anglo-saxã conhecida. Tais obras, assim como podemos constatar em outras fontes semelhantes do período vinculadas a elementos legislativos e religiosos, se baseavam tanto nas tradições do passado germânico quanto cristão.

Uma das formas mais conhecidas de manifestação da poesia em inglês antigo é o que podemos chamar de “poesia heroica”, como um contraponto ao que também podemos chamar “poesia religiosa”. Contudo, a utilização do termo “poesia heroica” é algo extremamente subjetivo, principalmente no que concerne à própria definição do que seria “heroico” neste cenário norte-europeu de fundo cristão e germânico.<sup>1</sup> Talvez, especificamente dentro do contexto da cultura literária anglo-saxônica, nós não possamos dizer que exista de fato uma “poesia heroica”, mas que seu “heroísmo” seria na verdade um elemento da poesia em inglês antigo como um todo, e não um simples ramo da literatura anglo-saxônica. Uma vez que é possível encontrá-lo tanto na poesia religiosa quanto secular, assim como nas obras em prosa do período (por exemplo, textos como *As Maravilhas do Oriente* e a *Carta de Alexandre para Aristóteles*).

De forma geral, ao falarmos sobre poemas heroicos rapidamente recordamos de textos como *Beowulf*, *A Batalha de Maldon*<sup>2</sup> e *O Fragmento de Finnsburh*.<sup>3</sup> Entretanto, poemas como, por exemplo, *Êxodo*, *Guthlac* e *Judite* – tradicionalmente considerados como poemas religiosos e hagiográficos – também detêm os mesmos e importantes elementos heroicos, os quais poderiam ser identificados de forma abrangente através de quatro pontos principais na literatura em inglês antigo:

- a) Uma ênfase a respeito de elementos marciais,
- b) Personagens que estão de alguma maneira além dos padrões humanos,
- c) A ameaça de uma grande adversidade,
- d) A lealdade incondicional ao líder (seja o senhor terreno ou Deus).

Podemos ainda acrescentar a essa lista um quinto item que é o ideal ou o conceito de:

- e) Sabedoria e Força (*Sapientia et Fortitudo*).

<sup>1</sup> MURDOCH, Brian. *The Germanic Hero: Politics and Pragmatism in Early Medieval Poetry*. Londres: Hambledon Press, 1996, p. 1 – 32.

<sup>2</sup> MEDEIROS, Elton O. S. “A Batalha de Maldon”, *Brathair* 12 (1), 2012, p. 161 – 183.

<sup>3</sup> MEDEIROS, Elton O. S. *Beowulf*. São Paulo: Ed. 34, 2016 (no prelo).

Esse ideal foi identificado primeiramente por Ernst Curtius em seu trabalho *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (1948) e posteriormente utilizado por R. E. Kaske no contexto da Inglaterra anglo-saxônica – mais especificamente no estudo sobre *Sabedoria e Força* como os temas norteadores do poema *Beowulf*.<sup>4</sup> Esse mesmo ideal pode ser encontrado nos escritos de Alcuíno de York – principalmente seus textos poéticos<sup>5</sup> – e, mais importante, na *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha quando explica o conceito de “herói”:

*Heroicum enim carmen dictum, quod eo virorum fortium res et facta narrantur. Nam heroes appellantur viri quase aerii et caelo digni propter sapientia et fortitudinem.*

[“São chamadas de canções heroicas porque falam sobre os feitos de homens de valor. São chamados heróis especialmente os homens dignos do céu por sua sabedoria e força”].<sup>6</sup>

Assim, a partir de tais características para a elaboração do *topos* heroico nas fontes em inglês antigo, poderíamos argumentar que uma parte importante do heroísmo anglo-saxônico seria o resultado da performance de um indivíduo em batalha: o efeito produzido por personagens a partir de atitudes específicas tomadas dentro das particularidades de papéis sociais definidos em relação à beligerância e a guerra em si.<sup>7</sup> Dessa forma, enquanto poder e status poderiam ser representados através de um grande horizonte de elementos, como contatos ou vínculos sociais e posses – como bens móveis, propriedade, laços matrimoniais e genealogias de prestígio –, o heroísmo seria representado por meio do envolvimento e desempenho da personagem em combate (físico ou espiritual).

Um grande problema é o fato de que por muito tempo – ao menos até a metade do século XX – o tratamento dado a essa ideia de heroísmo na cultura e literatura anglo-saxônica estava profundamente vinculada a uma perspectiva centrada em figuras masculinas, onde muito pouco era dito sobre personagens femininas.<sup>8</sup> Essa tendência, de se voltar exclusivamente ao heroísmo masculino e subestimar o papel das mulheres em tais fontes, conduziu ao que se tornou um senso comum entre

<sup>4</sup> KASKE, R. E., “*Sapientia et Fortitudo* as the controlling theme of *Beowulf*”, *Studies in Philology* 55, 1958.

<sup>5</sup> SCHEIL, Andrew P. *The Footsteps of Israel: Understanding Jews in Anglo-Saxon England*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004, p. 147 – 151.

<sup>6</sup> SEVILHA, Isidoro. *Etymologiae*, livro I, cap. 39.

<sup>7</sup> KLEIN, Stacy S. *Ruling Women: Queenship and Gender in Anglo-Saxon Literature*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006, p. 91.

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 88.

os pesquisadores: os componentes do binômio “heroísmo e mulher” como duas coisas completamente diferentes, senão opostas.<sup>9</sup> E ainda mais problemático, podemos dizer que essa forma tradicional de lidar com as fontes excluiu também a possibilidade de análises apropriadas dos papéis desempenhados e as motivações de tais mulheres em tais narrativas, assim como em outros tipos de fontes anteriores à conquista normanda no século XI.<sup>10</sup>

### “A Corajosa Mulher”

Sem dúvidas nós podemos dizer que o poema *Beowulf* é um dos mais importantes e famosos textos da poesia anglo-saxônica e detentor de um grande número de estudos dedicados a ele, com uma longa tradição de pesquisas. Contudo, compartilhando o mesmo manuscrito em que se encontram as façanhas do herói matador de monstros, mas não tão popular quanto, se encontra o poema em inglês antigo conhecido como *Judite*.

É muito bem conhecida a importância e a influência do Velho Testamento nas fontes escritas da Inglaterra anglo-saxônica.<sup>11</sup> Enquanto entre os francos havia uma predileção a emular o passado clássico – do mundo romano e mesmo a lenda da origem troiana dos francos – entre os anglo-saxões existia uma forte identificação com a representação da sociedade e a história dos hebreus veterotestamentários, com as tribos de Israel e o conflito contra os pagãos inimigos de Deus e de seu povo escolhido. Por exemplo, no período da “Baixa Inglaterra Anglo-Saxônica” (séculos IX – XI), podemos encontrar nas fontes da época referências ao livro de Jeremias<sup>12</sup> a respeito dos invasores vindos do norte contra Israel como um paralelo para as invasões escandinavas; e o tema sobre a Criação divina – como descrito no livro do Gênesis – como um assunto recorrente em textos como no poema de

<sup>9</sup> Ibid. p. 87.

<sup>10</sup> LERER, Seth. “Beowulf and Contemporary Critical Theory” in: BJORK, Robert E. & NILES, John D. *A Beowulf Handbook*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1998, p. 336.

<sup>11</sup> MEDEIROS, Elton O. S. “Alfred o Grande e a Linhagem Sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica”. *Revista Mirabilia* n. 13, v. 2, 2011, p. 134 – 172.

<sup>12</sup> Isto pode ser visto nas cartas de Alcuíno e também no livro do profeta Jeremias (Jr 1, 14; 4, 6; 6, 22-23). Ao lermos Jeremias é clara sua influência referente não só aos ataques, mas também a questão de idolatrias e práticas pagãs. O livro de Jeremias se encaixa perfeitamente no sermão de Wulfstan, *Sermo Lupi ad Anglos* (e, por que não dizer, em *Beowulf* em relação aos ataques de Grendel e os cultos pagãos dos versos 175-188). Dentre os livros das Sagradas Escrituras, entre os mais apreciados estariam justamente os profetas. Isto ocorria possivelmente devido a temática e a forma de se expressar ser semelhante ao mundo germânico anglo-saxão em que viviam; cf. PAGE, R. I. “The Audience of *Beowulf* and the Vikings” In: CHASE, Collin. *The Dating of Beowulf*, Toronto: Toronto University Press, 1997, p. 187.

autoria do lendário Caedmon, em *Beowulf* e no poema em inglês antigo *Gênesis*, entre outros. É interessante também observar o fascínio sobre os aspectos militares do Velho Testamento. Livros bíblicos como Judite, Macabeus, Reis e outros eram recorrentes em homilias anglo-saxônicas, como um modelo para o período de resistência frente aos vikings.

Um exemplo de como essa tradição bíblica e seus aspectos militares se mesclaram à tradição heroica germânica pode ser visto no poema supracitado: *Judite* – que é uma reinterpretação inspirada no livro bíblico de mesmo nome – e na homilia de Ælfric baseada no mesmo livro bíblico e também chamado *Judite*. Em ambos os textos anglo-saxônicos, mas principalmente no poema, é claro o poder de Deus manifesto como um “Senhor dos Exércitos” que assegura a vitória contra invasores através da figura da corajosa e leal Judite.

O poema *Judite* é baseado no livro do Velho Testamento da Vulgata, mas em nenhum momento a obra em inglês antigo tenta ser uma reprodução poética em vernáculo do texto bíblico. Ele se utiliza dos principais elementos da narrativa original e os reconstrói dentro do contexto e dos elementos da produção poética do período. Onde podemos visualizar idealizações culturais e religiosas da sociedade anglo-saxônica.

Por exemplo, no texto em inglês antigo, após o ataque dos hebreus sobre os assírios, é dito que:

Hi to mede hyre  
of ðam siðfate sylfre brohton,  
eorlas æscrofe, Holofernes  
sweord ond swatigne helm, swylce eac side byrnan  
gerenode readum golde, ond eal þæt se rinca baldor  
swiðmod sines ahte oððe sundoryrfes,  
beaga ond beorhtra maðma, hi þæt þære beorhtan idese  
ageafon gearoþoncolre.

[“Como recompensa, o destemido guerreiro trouxe de volta para ela da expedição a espada e o sangrento elmo de Holofernes, assim como sua grande cota de malha adornada de ouro vermelho; e tudo que o implacável senhor dos guerreiros possuía de riquezas ou bens pessoais, de anéis e de belos tesouros, eles deram para aquela iluminada e astuta dama”] (*Judite*, vv. 334-341).

Enquanto a Bíblia diz apenas que:

*et dederunt Iudith tabernaculum Holofernis et omne argentum et lectus et vasa et omnem apparatus illius.*  
[Deram a Judite a tenda de Holofernes, toda a sua prataria, os leitos, as vasilhas e todos os seus móveis] Judite 15, 11.

Infelizmente o início e o final do poema em inglês antigo estão perdidos e apesar das conjecturas a este respeito dificilmente iremos descobrir – baseados na pouca evidência que temos na atualidade – qual seria a verdadeira extensão do texto.<sup>13</sup> Mesmo assim, tomando como referencial a fonte como a conhecemos e a maneira como foi reelaborada a história de Judite em inglês antigo, é clara a influência da hermenêutica cristã e da interpretação patrística do livro de Judite e os modelos da hagiografia latina.

No poema, a personagem de Judite é representada por uma mulher fiel e virginal devotada a Deus, que concede a ela força espiritual para que seja capaz de empunhar uma espada e decapitar o terrível Holofernes – que é retratado como detentor de características monstruosas, mais em um sentido espiritual e moral do que físico – enquanto está bêbado e desacordado, após o grande banquete que proporcionou a seus homens. Com a morte de seu líder, a moral do exército assírio é destruída. Judite, então, consegue escapar da tenda de Holofernes e retorna ao campo dos hebreus, inflamando seus guerreiros com a novidade que trás e os incita a atacar, a avançar durante a alvorada totalmente equipados para o combate, prontos a aniquilar os comandantes inimigos com suas espadas reluzentes; tudo isso enquanto ela mostra à sua plateia a cabeça ensanguentada do infame Holofernes em suas mãos. O poema, como nós o conhecemos, termina com a vitória dos hebreus e Judite agraciada com muitos tesouros, espólios de guerra que são trazidos do campo assírio para ela e em especial aqueles itens que estavam na tenda de Holofernes. E quase ao final do poema o texto diz:

eal þæt ða ðeodguman      þrymme geeodon,  
cene under cumblum      on compwige  
þurh Iudithe      gleawe lare,  
mægð modigre

[“Todo aquele povo venceu esplendidamente, valente sob seus estandartes no campo de batalha, por meio do sábio conselho de Judite, a corajosa mulher”] (*Judith*, vv. 331-334)

Como fica claro, uma das características principais do poema *Judite* é o fato de que sua personagem principal seja uma mulher. Diferentemente de muitas obras voltadas a narrativas heroicas da poesia anglo-saxônica, não é uma figura masculina que serve de ponto central da história. E é exatamente isso que faz do poema e de sua personagem nessa história algo único entre as obras literárias do período. Personagens femininas estão presentes em muitos poemas em inglês antigo. Temos, por

<sup>13</sup> ROSSER, Susan. “Judith” in: LAPIDGE, Michael. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Blackwell: Oxford, 2001, p. 263-264.

exemplo, as rainhas Wealhtheow e Hildebuhr em *Beowulf*; Helena, mãe do imperador Constantino o Grande, no poema religioso apologético *Elena*; o poema hagiográfico *Juliana* ou ainda a personagem anônima do poema elegíaco *O Lamento da Esposa*.

Em uma corrente mais tradicional de estudos a respeito da poesia heroica anglo-saxônica tais personagens costumemente seriam vistas como parte de um papel secundário da narrativa. No caso de *Beowulf*, por exemplo, elas seriam interpretadas como imagens aristocráticas idealizadas e símbolos de nobreza e moralidade, tradição e de uma cultura de corte (no caso de Wealhtheow); instrumentos de relacionamento político com outros reinos e tribos – através de matrimônio entre grupos rivais – e elegia (como a personagem de Hildebuhr), e exemplos de comportamento feminino apropriado e aceito por tais sociedades (ou o oposto: comportamento social inaceitável para uma mulher, representado pela personagem da temida e impetuosa rainha Modthrytho em *Beowulf*, vv. 1925-1962).

Podemos dizer que essa concepção de uma personagem feminina anglo-saxônica passiva e submissa possa derivar em grande medida da ideia de que o único modelo de moral aceitável para eles (anglo-saxões ou para a mulher medieval de forma geral) era a figura da Virgem Maria. Assim, o papel principal da mulher anglo-saxônica, por esta convenção, seria se submeter a uma postura de passividade e se dedicar ao talento de ser capaz de “tecer a paz”<sup>14</sup> (principalmente como esposa em uma corte estrangeira), um ideal que seria preenchido perfeitamente pelo arquétipo social e religioso da Virgem. Contudo, obviamente, essa seria uma visão muito obtusa ao se tratar esse assunto.

Na interpretação teológica da patrística a principal virtude da Virgem Maria é sua anuência incondicional dos planos de Deus, o que a torna o exato oposto, por exemplo, da figura de Eva. A personagem de Eva no livro do Gênesis é aquela que se rebela contra a vontade divina, Maria é aquela que se submete ao Senhor; Eva é loquaz, Maria é o modelo do silêncio, entre outros exemplos. Através dessa interpretação viria o ideal da “passividade feminina”<sup>15</sup>. Entretanto, as manifestações da Virgem Maria ao longo da Alta Idade Média não são exatamente, ou melhor, não são sempre representadas por meio de um ser gentil e pacífico, como viria a ser assumido como uma regra geral. Não são raros os casos em que ela surge como uma “corajosa mulher”, encorajando seus seguidores à vitória em

<sup>14</sup> freoðuwebbe: do inglês antigo, “tecelã da paz” (*Beowulf*, vv. 1942); este é um epíteto muito comum dentro da poesia anglo-saxônica e que reflete a função destas mulheres dentro da narrativa. Elas costumavam representar um acordo de paz entre dois grupos, tribos ou reinos, onde a filha de um líder é entregue como noiva ao filho do outro líder, selando o acordo. Entretanto, dentro da literatura, tais acordos costumam sempre terminar de forma trágica. Cf. MEDEIROS, Elton. O. S. *Beowulf*. São Paulo: Ed. 34, 2016 (no prelo).

<sup>15</sup> LEYSER, Henrietta. *Medieval Women: A Social History of Women in England 450 – 1500*. St Helen: Phoenix Press, 2002, p. 62.



combate. Por exemplo, quando sua imagem apareceu nas muralhas de Constantinopla e encorajou os soldados, os auxiliando a salvar a cidade durante o cerco de 626 pelos ávaros. Após a vitória, coros entoavam o hino *Akathistos* em homenagem à Mãe de Deus, com uma nova abertura composta pelo Patriarca de Constantinopla, dando-lhe crédito pelo feito:

“Eu, vossa cidade, atribuo a vós, Mãe de Deus, poderosíssima comandante, o preço da vitória, e dou-vos graças por nossa libertação de uma terrível calamidade”.<sup>16</sup>

Na Inglaterra anglo-saxônica o culto à Virgem Maria se desenvolveu cedo, possivelmente por meio da influência de Teodoro de Tarso, arcebispo de Canterbury, em c. 667, e sua “Escola de Canterbury”.<sup>17</sup> Na literatura em inglês antigo ela é retratada em muitos textos em momentos e papéis de extrema importância, mas – o que é interessante – não exatamente como um modelo de passividade e submissão. Por exemplo, no poema *Cristo I*, a respeito de sua gravidez e do nascimento de Jesus, o texto em inglês antigo diz:

þæt þu sie hlæfdige halgum meatum  
wuldorweorudes, ond worldcundra  
hada under heofonum, ond helwara

[“você, com suas virtudes sagradas, é Senhora das hostes celestes e dos desígnios terrenos daqueles sob os céus e dos que habitam o Inferno”] (*Cristo I*, vv. 284-286)

No caso do poema *Judite*, fica evidente que a noção tradicional do papel de uma personagem feminina dentro dos paradigmas de “passividade virginal” e “tecelã da paz” não se aplicam. Ao invés disso, o que temos é uma imagem muito mais próxima à da manifestação da Virgem Maria da Alta Idade Média como uma líder de seu povo sob a vontade de Deus. Diferentemente de outros textos, em *Judite* nós temos a figura de uma mulher como protagonista enquanto os representantes masculinos permanecem nos bastidores como meros personagens coadjuvantes. A única exceção é a personagem de Holofernes, uma vez que ele serve como o antagonista da trama, representando tudo que seria avesso a Judite e ao que ela representa. Além disso, exceto por Judite e Holofernes, nenhuma das outras personagens que aparecem no poema são nomeadas ou identificadas com clareza. Na verdade,

<sup>16</sup> ANGOLD, Michael. *Bizâncio: A Ponte da Antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 48.

<sup>17</sup> BISCHOFF, Bernhard & LAPIDGE, Michael. *Biblical Commentaries from the Canterbury School of Theodore and Hadrian*, Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

não são nem mesmo representados como indivíduos. Eles são identificados apenas como grupos: os hebreus e os assírios.

É quase impossível não recordar – intencionalmente ou não – ao se deparar com essa representação de Judite contra o exército assírio dos ataques vikings à Inglaterra e a defesa do reino de Mercia, liderada pela personagem histórica de Æthelflæd, a “Senhora dos Mercios”.

Assim como ocorre na poesia anglo-saxônica, as fontes dos tempos das incursões vikings – especificamente, a *Crônica Anglo-Saxônica* – geralmente estão centradas em personagens masculinas, como o rei Alfred o Grande, rei Edward e etc. Porém, há uma série de passagens do início do século X, presentes em três das versões da *Crônica Anglo-Saxônica*, conhecidas como “Os Anais de Æthelflæd”.<sup>18</sup> Como o nome sugere, tais passagens têm por foco a figura de Æthelflæd – filha de Alfred o Grande e esposa de Æthelred, senhor de Mercia – e sobre seu período à frente do governo de Mercia. E podemos dizer que este seria o mais longo e atencioso relato existente em toda a *Crônica Anglo-Saxônica* referente a uma mulher.<sup>19</sup>

Há uma quantidade muito grande de detalhes e elementos a respeito de “Os Anais de Æthelflæd” que mereceriam um artigo a parte apenas para os abordarmos com a devida atenção. As passagens na *Crônica* reconhecidas como “Anais de Æthelflæd” se encontram entre os anos de 902 até 924, sendo os anos de 909 a 919 os mais importantes. Ainda que muitas vezes sejam passagens lacônicas, sem maior desenvolvimento narrativo, essas passagens estão tematicamente conectadas. Começando com a morte de Ealhswith – viúva do rei Alfred e mãe de Æthelflæd – em 902, e terminando com a ascensão de Athelstan – seu sobrinho, filho do rei Edward – como rei escolhido pelos mercios em 924.

Como dissemos anteriormente, dentre os elementos do ideal heroico anglo-saxônico se encontra a atuação do indivíduo em batalha. No âmbito do contexto histórico da época – indo além dos

<sup>18</sup> Versões B, C e D; a *Crônica Anglo-Saxônica*, como nós a temos hoje, é a união de vários relatos feitos durante toda a história da Inglaterra que acabaram por serem reunidos numa única obra. Existem sete versões conhecidas, chamadas respectivamente de versões A, B, C, D, E, F e G. Até o reinado de Alfred os relatos são esparsos e muitas vezes confusos, informando apenas os nomes de imperadores romanos, santos, papas e mais tarde os primeiros reis saxões a se fixarem na Inglaterra. Foi Alfred quem ordenou uma melhor organização dos registros; isto ocorrendo em torno do ano de 890, marcando justamente a ascensão da casa de Wessex. Isto pode ser comprovado ao lermos a *Crônica*, pois os relatos de seu governo e posteriores passam a ser mais precisos dos que aqueles que os antecedem. Para uma discussão mais ampla sobre as diferentes versões da *Crônica Anglo-Saxônica* ver SWANTON, Michael. *The Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: Dent, 1996, p. xi – xxxv.

<sup>19</sup> STAFFORD, Pauline. “The Annals of Æthelflæd: Annals, History and Politics in Early Tenth-Century England” in: BARROW, Julia & WAREHAM, Andrew. *Myth, Rulership, Church and Charters: Essays in Honour of Nicholas Brooks*. Aldershot: Ashgate, 2008, p. 101 – 116.

arquétipos literários da poesia em inglês antigo – a guerra, com todos os seus elementos sociais e posturas, era, evidentemente, vista como algo essencialmente masculino. Ainda que existam alguns poucos relatos de presença feminina envolvidas com guerras, mulheres eram consideradas como integrantes secundárias de grandes exércitos.<sup>20</sup> Mesmo assim, enquanto o linguajar e os ideais de uma cultura guerreira presentes nos textos sejam masculinos, existem exceções. O que demonstra que o que temos é um sistema de valores e não exatamente uma representação da realidade, o que não podemos esquecer ao considerar representações de batalhas na poesia e outras formas de literatura. Tais construções textuais tinham o objetivo de servir para reforçar anseios de uma sociedade que buscava viver através de tais códigos de conduta. Entretanto, tais códigos não eram tão rígidos a ponto de servir como prisões ao comportamento social. Caso contrário, seria praticamente impossível a existência de uma personagem como Judite ou de Æthelflæd nessas mesmas fontes. Sendo assim, uma pergunta pertinente – realizada originalmente pelo historiador anglo-saxonista Ryan Lavelle – é como a filha do rei Alfred o Grande era vista por seus contemporâneos?<sup>21</sup>

É interessante notarmos que o termo em inglês antigo *blæfdige* (“dama” ou “senhora” em português), o feminino de *blaford* (“senhor”), foi utilizado para se referir a Æthelflæd na documentação da época, sugerindo que enquanto os saxões de Wessex não podiam consagrá-la abertamente com o título de “rainha” (*cwen*, em inglês antigo), seu status era claramente reconhecido como tal. A partir do uso em tempos posteriores do título de “senhora” na casa real de Wessex (por exemplo, a rainha Emma) podemos presumir que o uso do termo tinha conotações régias e, como filha do rei Alfred e também descendente de uma ramificação da casa real de Mercia, Æthelflæd podia utilizar de tal termo sem nenhum problema.

Ainda que não exista nenhuma evidência concreta de que Æthelflæd tenha alguma vez se feito presente no campo de batalha, ela está claramente vinculada com as campanhas militares nas regiões de ocupação escandinava na Inglaterra e, principalmente, suas atividades militares: a construção de fortalezas e cidadelas (os *bubrs*), seu ataque de retaliação contra os galeses, sua tomada de regiões

<sup>20</sup> Na *Crônica Anglo-Saxônica*, referente ao ano de 893, nota-se a descrição da presença de mulheres e crianças com os vikings em Benfleet; a importância de realizar tal registro sobre sua captura por anglo-saxões e seu traslado para Londres (talvez para serem vendidos como escravos?) sugere que ainda que tal informação sobre eles pudesse ser uma exceção na fonte, sua presença com um exército não era; cf. LAVELLE, Ryan. *Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2010, p. 13.

<sup>21</sup> LAVELLE, Ryan. *Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2010, p. 13 – 14.

fortificadas sob o controle dinamarquês entre outras ações, como podemos ver na *Crônica Anglo-Saxônica*:

912. Aqui, na sagrada véspera da Exaltação da Santa Cruz, Æthelflæd, Senhora dos Mercios, veio a Scergeat e construiu uma fortaleza lá, e nesse mesmo ano outra em Bridgnorth.

913. Aqui, com a ajuda de Deus, Æthelflæd, Senhora dos Mercios, foi com todos os mercios para Tamworth, e então construiu uma fortaleza lá no início do verão, e depois em Stafford antes do *Lammas* (festival da colheita).

914. E aqui, no ano seguinte, foi feita a fortaleza de Eddisbury no início do verão; e mais tarde no mesmo ano, durante os tempos da colheita, aquela outra em Warwick (...).

916. Aqui, antes dos meados do verão, em 16 de junho, o abade Ecgberht, inocente de culpa, foi morto com seus companheiros. No mesmo dia era o festival de São Ciro o mártir. E três dias depois Æthelflæd enviou um exército para Gales e derrubou Brecon Mere, e lá capturou a esposa do rei (...).<sup>22</sup>

Além do aspecto militar tão evidente ligado a imagem de Æthelflæd, faz-se necessário também pensarmos como o relacionamento dela com seus guerreiros ocorria, se lembrarmos que as relações dentro desse ideal de comportamento dos campos de batalha eram geralmente expresso em termos de um homem para com seu senhor, especialmente do que se refere aos votos de lealdade; algo extremamente enfatizado na poesia anglo-saxônica. Na segunda parte de *A Batalha de Maldon*, por exemplo, essa manifestação do conceito de lealdade se faz presente pelas ações das personagens e seu comportamento frente à morte de seu líder e o desenrolar da batalha. Os doze guerreiros<sup>23</sup> que permanecem leais não fazem parte exclusivamente da aristocracia, mas representam todos os grupos da sociedade anglo-saxônica e de várias partes do reino. A decisão de ficar e lutar é articulada e conscientemente tomada em conjunto, através dos discursos de cada um deles, enfatizando a lealdade para com seu senhor e líder e entre eles mesmos. Lealdade que os impulsiona para a decisão de lutar e vingar a morte de Byrhtnoth e de outros companheiros:

Ʒa ðær wendon forð      wlanca þegenas,  
unearge men      efston georne;  
hi woldon þa ealle      oðer twega,  
lif forlætan      oððe leofne gewrecan

<sup>22</sup> SWANTON, Michael. *The Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: Dent, 1996, p. 96 – 100.

<sup>23</sup> Os “doze guerreiros leais”: Offa, Ælfwine, Leofsunu, Dunmere, Æscferth, Edward, Wistan, o filho de Wigelm, Oswald, Eadwold, Byrhtwold e Godric (filho de Æthelgar) (versos 202-235).

[Então os valentes guerreiros avançaram, os corajosos homens avidamente apressaram-se; eles todos queriam uma de duas coisas: perder a vida ou vingiar seu querido (senhor)].<sup>24</sup>

(*A Batalha de Maldon*, vv. 205-208)

Já um exemplo contrário, de deslealdade e covardia, pode ser encontrado em *Beowulf*. A ideia de deslealdade, nesse universo militar anglo-saxônico, em romper com o elo estabelecido entre servo e senhor, seria algo abominável para essa sociedade, como podemos ver nas palavras de Wiglaf no final do poema ao falar aos guerreiros que abandonaram seu rei – Beowulf – no momento crucial da batalha:

londrihtes mot  
þære mægburge monna æghwylc  
idel hweorfan syððan æðelingas  
feorran gefricgean fleam eowerne  
domleasan dæd. Deað bið sella  
eorla gehwylcum þonne edwitlif

[...] dos direitos de suas terras devem todos os homens de sua parentela ser privados quando os nobres de lugares distantes souberem de sua fuga, do ato de desonra. A morte é melhor para qualquer homem do que uma vida de vergonha].

(*Beowulf*, vv. 2886b – 2890).

No caso da realidade retratada nos Anais de Æthelflæd, como a visão de mundo de seus guerreiros poderia diferir da visão daqueles que serviam a um senhor e não uma senhora?<sup>25</sup> Talvez uma pista possa ser encontrada na *Crônica Anglo-Saxônica* referente ao ano de 917 e seus quatro guerreiros “que lhe eram os mais queridos” (*ðe hire besorge wæron*), demonstrando que o modelo de um ideal voltado a aspectos heroicos e exaltando o conceito de lealdade dominada por figuras masculinas seria muito mais flexível e permissiva a adaptações que os teóricos mais tradicionais afirmavam:<sup>26</sup>

917. Aqui, antes de *Lammas* (festival da colheita), com o auxílio de Deus, Æthelflæd, Senhora dos Mercios, tomou posse da fortaleza cujo nome era Derby, juntamente com tudo o que lá

<sup>24</sup> MEDEIROS, Elton O. S. (trad. ed.). “A Batalha de Maldon”, *Brathair*, n. 12, v. 1, 2012, p. 175-176.

<sup>25</sup> LAVELLE, Ryan. *Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2010, p. 14.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 14.

se encontrava; quatro de seus guerreiros (*thegns*), que lhe eram os mais queridos, também foram mortos lá dentro dos portões (...).<sup>27</sup>

No caso dos Anais de Æthelflæd, temos uma produção textual claramente focada na personagem de Æthelflæd e suas atividades como soberana do reino de Mercia, enquanto o mesmo não ocorre em relação a outros governantes do mesmo reino durante o século X (como seu esposo e seu irmão, por exemplo). Além de se concentrar em suas atividades militares, também são retratados elementos que legitimam seu poder. Com passagens que a apresentam como uma governante, envolvida profundamente no papel tipicamente régio e masculino de um líder guerreiro. Com uma clara e constante ênfase do apoio de Deus para com ela.<sup>28</sup>

E é aqui que podemos estabelecer um paralelo entre os Anais de Æthelflæd e o poema *Judite*. Primeiramente, em ambos os casos temos uma personagem feminina representada como uma líder de exércitos frente a um inimigo retratado como cruel. Em segundo lugar, o que chama a atenção, ambas as fontes são do mesmo período da história anglo-saxônica, fins do século IX – X. Além disso, nos dois textos é possível encontrarmos elementos do inglês antigo característicos dos dialetos de Mercia e Wessex.<sup>29</sup> Um conjunto de elementos no mínimo fascinantes, se lembrarmos das características gerais mais tradicionais desse tipo de fonte da época (i.e. centradas em figuras masculinas). E assim podemos constatar que, ao mesmo tempo, durante a segunda metade do período da Inglaterra anglo-saxônica, dois textos decidem descrever mulheres com características similares e desempenhando funções quase idênticas. Fato extremamente curioso para ser talvez uma mera coincidência.

Considerando essa hipótese, de que a existência de tais narrativas não seria um mero acaso, o relacionamento entre *Judite* e Æthelflæd não seria assim algo tão surpreendente, pensando esses textos como o produto ou consequência das produções literárias do período *alfrediano* dos séculos IX – X. Em uma análise mais apurada sobre a linguagem e as fórmulas narrativas para a construção textual usadas na *Crônica Anglo-Saxônica*, é possível notar que a utilização de tais elementos demonstra que cada conjunto de anais foi composto sob circunstâncias específicas, e que as narrativas refletem os objetivos

<sup>27</sup> SWANTON, Michael. *The Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: Dent, 1996, p. 101.

<sup>28</sup> STAFFORD, Pauline. “The Annals of Æthelflæd: Annals, History and Politics in Early Tenth-Century England” in: BARROW, Julia & WAREHAM, Andrew. *Myth, Rulership, Church and Charters: Essays in Honour of Nicholas Brooks*. Aldershot: Ashgate, 2008, p. 103.

<sup>29</sup> GREENFIELD, Stanley B. & CALDER, Daniel G. *A New Critical History of Old English Literature*. New York: New York University Press, 1986, p. 219.

do governante corrente na época, legitimando o soberano e justificando suas práticas políticas, e encorajando seus súditos a se submeterem a essas práticas. Principalmente as partes que foram produzidas durante os reinados de Alfred o Grande, Edward I e Æthelflæd.<sup>30</sup> Ao mesmo tempo, o uso de um discurso político-teológico durante os tempos alfredianos – baseado especialmente no Velho Testamento e na ideia de uma divindade vitoriosa manifesta através da imagem de um “Senhor dos Exércitos” – não seria de todo estranho, muito pelo contrário.<sup>31</sup> A ideia dos anglo-saxões como um “Novo Povo Escolhido”, como um “Novo Israel”,<sup>32</sup> era muito presente nas elaborações políticas ou, como Paul Kershaw chama, na “imaginação política” do período.<sup>33</sup>

Neste sentido, seria possível estabelecer uma conexão importante entre os textos a respeito de Æthelflæd e a personagem descrita em inglês antigo no poema *Judite*: a elaboração de uma identidade, para refletir uma teologia-política distinta, que se utilizaria de tropos de exceção e de exclusão para demarcar em tais narrativas uma fronteira entre os anglo-saxões e seus inimigos.<sup>34</sup> Assim, se lermos os Anais de Æthelflæd e *Judite* como fontes onde está presente um discurso com um propósito, uma mensagem, para seus leitores e ouvintes, poderíamos interpretá-las como “discursos ritualizados”: onde “discurso” deveria ser entendido como a associação de significados e símbolos ao lidar com certo tema que proporciona uma aproximação ou identificação, ao mesmo tempo em que estabelece um horizonte de relações entre um corpo de informações e um conjunto de normas comportamentais e práticas institucionais. E por “ritualizado” – quando aplicado, principalmente, a elaborações míticas, poéticas e etc. – estaríamos nos referindo a um tipo mais elevado de linguagem direcionada essencialmente a apresentações públicas dentro de um ambiente ou ocasião especial que estaria associado a elementos estéticos, éticos e a um rito ideológico e também ao status e poder daqueles que tomariam parte de tal ato.<sup>35</sup>

<sup>30</sup> KONSHUH, Courtney. *Warfare and Authority in the Anglo-Saxon Chronicle, c. 891 – 924*. Winchester: University of Winchester (PhD thesis), 2014.

<sup>31</sup> MEDEIROS, Elton O. S. *Dominus exercituum: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano*. São Paulo: Universidade de São Paulo (PhD thesis), 2011.

<sup>32</sup> MEDEIROS, Elton O. S. “Alfred o Grande e a Linhagem Sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica”. *Revista Mirabilia* n. 13, v. 2, 2011, p. 134 – 172.

<sup>33</sup> KERSHAW, Paul J. E. *Peaceful Kings: Peace, Power, and the Early Medieval Political Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

<sup>34</sup> ZACHER, Samantha. *Rewriting the Old Testament in Anglo-Saxon Verse*. London: Bloomsbury, 2013, p. 123.

<sup>35</sup> NILES, John D. *Homo Narrans: The Poetics and Anthropology of Oral Literature*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 120 – 121.

Testos como os Anais de Æthelflæd e *Judite* poderiam ser vistos, entre outros, como formas de expressar uma ideologia capaz de proporcionar súditos leais e governos mais harmoniosos ao estabelecerem um sentimento de identificação entre seu público. Através do que pesquisadores como David Pratt chamam de “o teatro da corte”. Onde textos de perfil legislativo e de regulamentação social e outros que estivessem ligados à figura régia se tornariam exemplos de “discursos ritualizados”, voltados à demonstração e legitimação da autoridade do governante e também da elaboração de uma identidade comum da sociedade em questão; ao menos entre os indivíduos vinculados ao ambiente aristocrático.

## Considerações finais

Talvez *Judite* e Æthelflæd sejam os melhores paralelos que nós podemos estabelecer entre uma personagem ficcional e uma histórica no período da Inglaterra anglo-saxônica: elas são exemplos femininos singulares entre as fontes, e ambas surgem como mulheres extremamente poderosas em papéis que geralmente são interpretados por personagens heroicos masculinos; liderando e encorajando seus povos contra seus inimigos e extremamente devotados a Deus.

Sendo assim, poderíamos dizer que a composição do poema *Judite*, de alguma forma, refletiria ou poderia ter sido inspirada pela história de Æthelflæd contra os vikings? Talvez. Como *Judite* é parte do manuscrito de *Beowulf* e existem hipóteses de que partes do poema poderiam ter sido compostas no reino de Mercia, seria possível que *Judite* tivesse também sido originalmente oriundo de Mercia – assim como os Anais de Æthelflæd também parecem ser de origem da mesma região – mas, até agora, infelizmente, não há nenhuma evidencia concreta disso.

Entretanto, pensando a respeito desse paralelo entre o poema e a narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*, seria talvez interessante pensarmos em um processo contrário de composição, através de uma ideia provocadora: e se ao invés da figura histórica de Æthelflæd ser um modelo para o poema, na realidade os Anais de Æthelflæd – refletindo a respeito da forma como sua personagem é representada ao longo da *Crônica Anglo-Saxônica* – tivesse sido elaborada seguindo o *topos* heroico como uma forma de legitimar o poder de Æthelflæd, como uma espécie de “propaganda” política ou ideológica? Isto é, a ficção ter inspirado a construção da narrativa histórica: *Judite* como um modelo para Æthelflæd das fontes?



Seja qual for o caso, o que podemos dizer com certeza é que a personagem principal do poema *Judite* e *Æthelflæd* da *Crônica Anglo-Saxônica*, diferentemente de outras “mulheres santas” das fontes em inglês antigo, são as personagens femininas cristãs mais heroicas que podemos encontrar na literatura anglo-saxônica, semelhantes a aquelas que nos vem à mente quando tratamos sobre heroísmo: como Beowulf contra monstros no salão dos dinamarqueses, ou *earl* Byrhtnoth contra os vikings em Maldon. Em função disso, acreditamos que tais personagens (a *Judite* do poema e a “Senhora dos Mercios” da *Crônica*) deveriam receber uma atenção redobrada em estudos futuros deste início do século XXI.

## Fontes

- DOBBIE, Elliott van Kirk. *The Anglo-Saxon Poetic Records IV: Beowulf and Judith*. Nova York: Columbia University Press, 1953.
- FULK, R. D. *The Beowulf Manuscript*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- MEDEIROS, Elton O. S. “A Batalha de Maldon”, *Brathair* 12 (1), 2012, p. 161 – 183 (Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/728/663>). Acessado em 03/04/2016.
- \_\_\_\_\_. “*Judite*”, *Brathair* 12 (2), 2012, p. 123 – 147 (Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/806/674>). Acessado em 03/04/2016.
- \_\_\_\_\_. *Beowulf*. São Paulo: Ed. 34, 2016 (no prelo).
- SWANTON, Michael. *The Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: Dent, 1996.
- WHITELOCK, Dorothy (trad. e org.) *English Historical Documents*, Londres, 1955.

## Referências bibliográficas

- ANGOLD, Michael. *Bizâncio: A Ponte da Antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BARROW, Julia & WAREHAM, Andrew. *Myth, Rylership, Church and Charters: Essays in Honour of Nicholas Brooks*. Aldershot: Ashgate, 2008.
- BISCHOFF, Bernhard & LAPIDGE, Michael. *Biblical Commentaries from the Canterbury School of Theodore and Hadrian*, Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BJORK, Robert E. & NILES, John D. *A Beowulf Handbook*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1998.
- CHASE, Collin. *The Dating of Beowulf*, Toronto: Toronto University Press, 1997.
- CURTIUS, Ernst. *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, Bern: A. Francke AG Verlag, 1948.
- GREENFIELD, Stanley B. & CALDER, Daniel G. *A New Critical History of Old English Literature*. New York: New York University Press, 1986.
- KONSHUH, Courtney. *Warfare and Authority in the Anglo-Saxon Chronicle, c. 891 – 924*. Winchester: University of Winchester (tese de doutorado), 2014.

- KASKE, R. E. “*Sapientia et Fortitudo* as the controlling theme of *Beowulf*”, *Studies in Philology* 55, 1958.
- KERSHAW, Paul J. E. *Peaceful Kings: Peace, Power, and the Early Medieval Political Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- KLEIN, Stacy S. *Ruling Women: Queenship and Gender in Anglo-Saxon Literature*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006.
- LAPIDGE, Michael. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Blackwell: Oxford, 2001.
- LAVELLE, Ryan. *Alfred’s Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*. Woodbridge: Boydell Press, 2010.
- LEYSER, Henrietta. *Medieval Women: A Social History of Women in England 450 – 1500*. St Helen: Phoenix Press, 2002.
- MEDEIROS, Elton O. S. “Alfred o Grande e a Linhagem Sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica”. *Revista Mirabilia* n. 13, v. 2, 2011, p. 134 – 172 (Disponível em: [http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011\\_02\\_07.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_02_07.pdf)). Acessado em 09/04/2016.
- \_\_\_\_\_. *Dominus exercituum: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano*. São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutorado), 2011.
- MURDOCH, Brian. *The Germanic Hero: Politics and Pragmatism in Early Medieval Poetry*. Londres: Hambledon Press, 1996.
- NILES, John D. *Homo Narrans: The Poetics and Anthropology of Oral Literature*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- ROSSER, Susan. “Judith” in: LAPIDGE, Michael. *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Blackwell: Oxford, 2001.
- SCHEIL, Andrew P. *The Footsteps of Israel: Understanding Jews in Anglo-Saxon England*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.
- SEVILHA, Isidoro. *Etymologiae* (Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/isidore.html>). Acessado em 15/12/2013.
- ZACHER, Samantha. *Rewriting the Old Testament in Anglo-Saxon Verse*. London: Bloomsbury, 2013.

**Artigo recebido em: 29/04/2016**

**Artigo aprovado em: 12/05/2016**